

A retórica de um liberal: em torno dos escritos de Afonso Arinos de Melo Franco

Berenice Cavalcante

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 421-428

A retórica de um liberal: em torno dos escritos de Afonso Arinos de Melo Franco

Berenice Cavalcante *

Ação política direta nunca foi meu forte. Sempre me
Senti melhor na mesa de trabalho ou na tribuna.
(Afonso Arinos)

Muito pouco se escreveu sobre o intelectual e homem público brasileiro, membro de tradicional família mineira cuja presença na cena política nacional e internacional acompanha a história do Brasil desde as primeiras décadas da República.

Este contraste entre a projeção do personagem e a carência de reflexão a respeito, tanto em relação a sua ação política quanto à sua produção historiográfica e memorialista, pode ter explicações variadas mas que não diminuem a estranheza face a este descompasso quando se destaca que seus escritos - sejam os de natureza política *strito sensu*, como por exemplo seus discursos parlamentares, seja a vasta e variada produção de cunho literário e histórico - reproduzem um mesmo *estilo* e preservam a fidelidade a uma matriz de pensamento pouco comuns em nossa elite letrada. O *estilo* de Afonso Arinos, combinaria o cultivo *dapolitese*, dos padrões civilizados de controle das emoções pela adesão a um ideal que evoca a conhecida frase que condensa a doutrina de Winckelmann sobre a cultura clássica : "nobre simplicidade e serena grandeza" *K A* este ideal aliava-se a perspectiva que conferia dignidade à oratória e privilégio à retórica como elementos de convencimento e persuasão, conforme confessa na citação em epígrafe. Esta atitude é a primeira chave para que se desvende o *classicismo* que modela sua atividade literária e sua prática política, como o traço peculiar de sua face moderna e liberal. Este aparente paradoxo dá o tom a seu pensamento expressando-se já em seus primeiros textos escritos na década de trinta.

O apego aos valores da tradição clássica é vértice e inspiração constante do intelectual e político Afonso Arinos. Seguindo o ensinamento dos humanistas do Renascimento e do neo-classicismo francês, Arinos entendia que o tempo presente e sua perspectiva futura poderiam ser pensados com o olhar voltado para um passado exemplar ou, mais especificamente, para a trajetória de homens ilustres cujas virtudes ou ideais pautaram sua ação na cena pública.

Esta convicção alimentou seu interesse por um gênero de escrita típico da forma do pensar historiográfico na República das Letras renascentista: as biografias ou a escrita de "Vidas" como, com frequência, se denominavam à época. Como seus antecessores dos séculos XVI/XV,² a atenção de Arinos voltava-se para governantes, escritores e filósofos. Além de *O Estadista da República*, a biografia de seu pai, Afrânio de Melo Franco e a de seu sogro Rodrigues Alves, Arinos escreveu uma série de pequenos artigos que, se não reconstituíam toda a biografia do personagem escolhi-

* Professor Associado PUC-Rio, Pesquisador CNPq

¹ Gerd Borhein. "Introdução a leitura de Winckelmann". *Gávea. Revista de História da Arte e da Arquitetura*. n.8. Rio de Janeiro, 1990, p.71

do tinham, sem sombra de dúvidas, o propósito de destacá-los como indivíduos exemplares que marcaram o período em que viveram. Preservar esta memória para gerações futuras constituiu-se assim em uma das estratégias a que recorreu, com disciplina e regularidade, na concretização de seu projeto intelectual e político.

Entre seus personagens exemplares destacam-se: Visconde de Cairu; Vitor Hugo, "Defensor da Justiça e da Liberdade" ; Raul Fernandes, "Servidor do Brasil"; Rodrigues Alves; Afonso Pena; Joaquim Nabuco, "Advogado do Brasil"; Bernardo Pereira de Vasconcelos; Alexandre de Gusmão; Joaquim Caetano da Silva; Godofredo Rangel; Odilon Braga; Otávio Mangabeira e José Bonifácio de Andrade e Silva.

Contudo, diversamente de seus precursores na escrita deste gênero, Arinos não considerava a vida privada de seus personagens digna de atenção, enfocando prioritariamente seus feitos na vida pública, permanecendo no entanto fiel à tradição do respeito ao necessário respaldo da consulta à fontes documentais.³

Digno também de registro, é o fato de que, tal como entendido na renascença, este gênero literário era próprio também para que se depreendessem as relações entre um indivíduo e as circunstâncias nas quais vivia, além de sua mencionada importância para a preservação, em tempos futuros, da memória de grandes homens como guias morais para a posteridade. Entre as virtudes cultivadas pelos humanistas italianos destaca-se a "moderação em face das oportunidades e a sagacidade em perceber o momento exato para mudar de lado".⁴ Até a publicação de *O Príncipe* de Maquiavel este cânon, que combina prudência e astúcia, indicava os procedimentos mais adequados para que se alcançasse o êxito no jogo político da disputa pelo poder, reconhecendo-as, portanto, como as virtudes próprias do *condottiere*.

Esta é uma das tradições as quais filia-se Afonso Arinos que, ao longo de sua trajetória política, sempre manteve um prudente afastamento das formulações do chanceler da república florentina. Tome-se como exemplo seu discurso no Senado Nacional por ocasião do bicentenário de nascimento de José Bonifácio de Andrade e Silva em 1963.

O texto inicia-se com uma referência à polêmica sobre o que seria preponderante no curso dos acontecimentos históricos, o tempo ou a ação humana. Arinos, apoiando-se em referências aos clássicos da escrita biográfica - Plutarco, Suetônio e Tácito, - firma sua posição ao esclarecer o ponto de vista a partir do qual desenvolveria suas considerações sobre o Patriarca: sua "liderança individual" e sua "presença nos fatos de seu tempo". A este preâmbulo segue-se a afirmação de Arinos sobre o "dever" de situar José Bonifácio no "quadro de sua época", a Época das Luzes, para extrair de suas "ações e reações - ações fortes e reações fortíssimas - aqueles ensinamentos que são, verdadeiramente, a razão de ser da História como ciência, a razão de ser da História como ética, a razão de ser da História como regra da conduta política".⁵ Mais clássico, impossível. Arinos seguindo a lição que os humanistas italianos aprenderam com Cícero e Tito Lívio, reconhecia a História como repositária de um estoque de situações que se rerepresentariam em épocas distintas, razão pela qual os homens deveriam conhecer as experiências passadas como forma de orientação para sua conduta presente ou futura. Esta compreensão do valor pedagógico da História é sintetizada na célebre referência com a qual era designada na Antiguidade: Mestra da Vida. A lição bem aprendida por Arinos é tão mais valiosa quando se recupera a dignidade da política nas culturas grega e romana, uma das fontes justificadoras de sua importância na reflexão humanista na aurora dos Tempos Modernos.

Diante de tão clara demonstração de pragmatismo histórico cabe então indagar: que regra (ou regras) de conduta política o senador Arinos buscava sublinhar no texto sobre José Bonifácio? O realismo, a moderação e a crença no progresso é a tríade que, em seu entendimento, notabilizaram

² Peter Burke. "A invenção da biografia e o individualismo renascentista". *Estudos Históricos*. Vol.10, N.19, Rio de Janeiro, 1997, pp.83-97.

³ Eric Cochrane. *Historians and Historiography in the Italian Renaissance*. Chicago, The University of Chicago Press, 1985, p.394

⁴ Cochrane, *opus cit*, p.407

⁵ Afonso Arinos de Melo Franco- "José Bonifácio". *Digesto Econômico*, Revista da Associação Comercial de São Paulo. N. 173 São Paulo, set/out. 1963, p.92

a trajetória política do velho Andrada. Para o argumento aqui proposto, deste conjunto, é a segunda qualidade que interessa destacar.

O caráter exemplar desta conduta é analisado em momento histórico particularmente relevante tanto para a História do Brasil e de Portugal, quanto para a vida pessoal do homenageado : os acontecimentos relacionados à revolução liberal do Porto em 1820. Contrariando sua intenção de afastar-se das funções públicas para retomar seus estudos após o retorno ao Brasil em 1819, José Bonifácio foi conduzido à cena principal dos acontecimentos que culminariam na Independência.⁶ Este foi o contexto no qual a ação de José Bonifácio mostrou-se "concentrada no esforço de *equilibrar*" as posições configuradas nas Cortes de Lisboa.⁷ (grifos nossos)

No esquema conceitual de Arinos a atitude de equilíbrio/ moderação é a condição *sine qua non* ao exercício da liderança individual, sendo portanto uma qualidade indispensável, ou melhor, a virtude para seu efetivo exercício na vida pública.⁸ Com esta afirmação Arinos também deixa claro seu entendimento sobre a indagação inicial do texto a respeito da preponderância da ação humana no curso dos acontecimentos históricos.

Ainda que tivesse conhecimento do caráter "explosivo" que muitos contemporâneos atribuíam ao velho Andrada, Arinos não lhe dá importância e quase o ignora. Em seu entendimento equilíbrio/moderação teriam marcado sua conduta ao longo do processo que culminaria na Independência e, sobretudo, na fase subsequente quando, com sua "sabedoria prudente", opôs-se aos "extremistas"- designação com a qual Arinos se refere tanto ao republicanism pernambucano quanto ao federalismo mineiro- em sua defesa da monarquia constitucional. Para o desenvolvimento de seu argumento Arinos enfatiza a perspicácia do Andrada ao reconhecer na monarquia constitucional a única alternativa política para a manutenção da unidade nacional e da tranquilidade pública face aos distúrbios e conflitos que opunham as diferentes facções políticas.⁹

Citando uma correspondência inédita de Bonifácio em seu exílio na França o orador destaca como mesmo depois de todos os revezes que sofrera com a reviravolta política que o alijou do poder, o Andrada mantinha sua fidelidade à defesa da Constituição como imprescindível ao exercício da cidadania, da liberdade e aos elementares direitos de defesa da nação e de seus cidadãos.¹⁰

Este é o José Bonifácio cuja memória Arinos quer preservar: o político moderado (sic) e, por extensão, opositor dos radicais, contrário às divisões internas e apologista dos regimes constitucionais. Dito de outra maneira, o político que apostava num ideal de sociedade harmonizada pela Lei, pelos princípios constitucionais, escudo e arma contra tiranos, déspotas e radicais. Moderação e sabedoria prudencial - como norma de conduta para a ação política- eliminariam, ou domesticariam as paixões, a disrazão. Se, em relação a José Bonifácio, este perfil não resistiria a uma análise mais atenta que não ignorasse o que ele próprio admitia, o seu "temperamento fêrvido",¹¹ para Arinos isto é pouco relevante. Parece igualmente irrelevante o fato de que para o Patriarca a constituição ideal seria elaborada não pelos representantes eleitos mas por uma Comissão de Notáveis, aspecto sobre o qual ele também não se pronuncia. Para Arinos, o que importa salientar em primeiro lugar é o valor do Direito Constitucional, ou seja o primado do aparato jurídico e, uma certa compreensão da história em que alguns pormenores podem ser desprezados, tornam-se inexpressivos ou secundários em relação aquilo que realmente deve ser valorizado, a exemplaridade moral da conduta de um indivíduo. Assim, o que Arinos objetiva é a preservação de um modelo de prática política que enfatiza a ação de um líder e de qualidades atemporais, virtudes que resistem à passagem do tempo em diferentes conjunturas históricas. Mais do que isto são qualidades com as quais ele buscou compor a sua própria auto imagem.

Por outro lado, ao destacar o constitucionalismo do velho Andrade, Arinos manifesta não ape-

⁶ Berenice Cavalcante- *Razão e Sensibilidade. José Bonifácio, uma História em três tempos*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001

⁷ Melo Franco. *Digesto*, p. 96

⁸ "... e quando digo uma liderança realmente forte, quero dizer liderança moderada, porque fortes só são as lideranças moderadas" . *Ibidem* ,p.95

⁹ Melo Franco- *Ibidem* ,p.101

¹⁰ *Ibidem* ,p.106

nas afinidades políticas e profissionais, decorrentes de seus conhecimentos e sua prática de jurista e professor de Direito Constitucional, mas desvela outra importante tradição a qual se filia. Deslocando-se do paradigma da antiguidade clássica, Arinos recorta a experiência histórica das sociedades europeias e norte americana no final do século XVIII que, igualmente, exerce fundamental influência em seu pensamento e em sua atuação na vida pública: o liberalismo.

Ainda que este ideário, tal como entendido em sua formulação inaugural, fosse combustível para movimentos constitucionalistas, lutas de independência e revoluções anti-absolutistas, não são os movimentos revolucionários que lhe interessam. Para sua argumentação, a importância do liberalismo do século XVIII adquire outro significado por permitir-lhe reafirmar o ponto de vista que reconhece o primado das ideias - e não dos movimentos sociais - na promoção das mudanças históricas. Para Arinos, é no plano do pensamento e da formulação de novas ideias que se realiza o progresso e surgem as inovações.

A adesão ao ideário liberal além de embasar a defesa dos princípios de liberdade, tão caros a Arinos, redobrou sua fidelidade à crença no papel das elites cultas como protagonistas da cena principal dos eventos históricos. Em depoimento sobre a conjuntura brasileira advoga que era preciso "engravidar a nação com ideias".¹² Neste sentido, pode-se afirmar que na convergência das duas tradições - a clássica e a liberal - Arinos consolidou sua convicção acerca do papel das elites cultas no desenrolar dos acontecimentos históricos, em especial aqueles relacionados à política. Uma convicção cuja origem se encontra em sua educação familiar, apurada na formação humanista do colégio Pedro II e, posteriormente, nos estudos realizados no exterior.

Tendo sido forçado por motivos de saúde a um período de permanência na Suíça interrompendo, temporariamente, o curso na Faculdade de Direito, Arinos dedicou-se à leitura de autores que desconhecia até então: Epicteto, Esopo, Montaigne, Pascal e La Fontaine entre outros pensadores. Contudo, além destas descobertas, o que também o marcou de forma indelével foi o entusiasmo pelo método de ensino empregado na Universidade de Genebra onde eram ministradas disciplinas culturais não aplicadas diretamente à vida profissional. Em suas próprias palavras este modelo "era indispensável à formação de uma elite intelectual apta a governar a nação".¹³ É importante destacar que, ao longo da vida, nunca negou este ponto de vista, ao contrário, a ele se referiu com frequência, sendo a base de suas formulações acerca do papel das elites letradas na condução dos assuntos humanos,

Esta perspectiva não era incompatível com sua interpretação sobre os acontecimentos históricos do final do século XVIII. Longe de se entusiasmar pelas revoluções e mudanças radicais das estruturas políticas e sociais que derrubou monarquias e separou metrópoles e colônias, foi a efervescência intelectual do período que atraiu seu interesse. O ponto sobre o qual alicerçou muita de suas formulações foi a projeção dos "homens de espírito" - letrados, poetas, filósofos - que nas duas margens do Atlântico, ocuparam o primeiro plano da cena histórica, projetando um mundo novo a partir dos ideais de liberdade.

Em nosso passado Arinos encontra na Minas Gerais setecentista, uma experiência histórica cujo desenrolar lhe parecia avizinhar-se deste ideal pois os inconfidentes, "dados às letras, queriam brilhar com as novas ideias vindas da França" o que fez de Ouro Preto naquela época, a "cidade da literatura e da política, a terra da Liberdade".¹⁴ Estas imagens construídas em um de seus primeiros textos seriam evocadas anos mais tarde em discurso no Senado, no qual retoma a reverência às elites letradas: "seu nome [de Ouro Preto] evoca mártires da justiça e da liberdade, recorda escultores, arquitetos, pintores, entalhadores, artistas, douradores, santeiros, mestres, sábios, estadistas e parlamentares, jornalistas e oradores, cronistas, panfletários, músicos e romancistas".¹⁵

Todavia, ainda que preservasse a memória deste passado, resgatando para a sua Minas Gerais esta tradição de luta pela liberdade, Arinos encontra em outra experiência histórica o que seria o

¹ Minam Dolhinikoff, <9sé Bonifácio de Andrada e Silva, *Projetos para o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p.360

² Aspásia Camargo, Maria Clara Mariani e Maria Teresa Teixeira - *O Intelectual e o Político*. Brasília, Senado Federal, 1983.

³ Melo Franco - *O índio Brasileiro e a Revolução Francesa*. Prefácio. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, s/d, p.9

⁴ Melo Franco- *Roteiro Lírico de Ouro Preto*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980, p.22 e 36

⁵ Melo Franco- "Saudação a Ouro Preto". *Digesto Econômico*, N275, nov/dez. 1980, /). 72

tesouro do mundo moderno : a constituição norte-americana.¹⁶

A este respeito seu discurso é recorrente, chamando a atenção para o fato de que, no caso dos Estados Unidos, diversamente do da França, foi possível o controle da liberdade pelo Direito e o primado da fraternidade sobre o mito da igualdade. Este quadro se deve ao fato de que a independência se alicerçou no propósito de restaurar as tradições de um sistema de governo que a Inglaterra estava subvertendo pois os norte americanos se separaram porque queriam manter e desenvolver o sistema político que praticavam durante o período colonial.

Este ponto pode ser considerado o coração de seu argumento porque a exemplaridade do caso norte americano, seu caráter fundador e, sobretudo, o modelo de sua perenidade política resultavam das características de seu "edifício constitucional, do qual a constituição foi sua planta baixa".¹⁷ Seguindo esta linha de raciocínio Arinos chama atenção para sua originalidade, a saber, "o arranjo novo de ideias antigas" razão pela qual "sua potencialidade renovadora nunca se estiola".¹⁸ Não é possível reproduzir aqui a forma como Arinos sustenta este seu ponto de vista acerca da renovação do antigo e da sua interpretação dos acontecimentos relacionados à independência dos Estados Unidos como restauração de um passado que se perdera. O que importa, para além do já mencionado primado da Lei na instituição do político e do social, é que o segredo da constituição norte americana ao inovar velhas ideias, reunir temas antigos de " forma prática e não teórica" foi a capacidade demonstrada ao longo de dois séculos de sua história em associar "à força dos poderes o espírito de moderação".¹⁹

Se, como se sugeriu no início deste artigo, os textos de Afonso Arinos podem ser lidos na chave que ali se reconheça uma perspectiva moderna moldada por valores clássicos e que, sua produção literária e política obedeciam a um mesmo desiderato, cabe indagar, a que propósito servia? Ou, posto de uma outra maneira que projeto político o historiador e memorialista acalentava?

Arinos fora um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, documento que alguns historiadores consideram peça chave do pensamento liberal de oposição a Getúlio Vargas, em 1943. Comentando este texto em 1970, Arinos classifica-o como um documento da elite brasileira (sic) e destaca os três eixos em torno dos quais se constrói o argumento liberal: a defesa da " moderação", o respeito a uma certa pedagogia da história posto que " os fatos voltam com aparências distintas" e, finalmente, a "vocação de permanência na variação".²⁰ Assim, o Manifesto reafirmaria algumas de suas próprias concepções e princípios norteadores de sua conduta na vida pública: a recusa ao radicalismo político e uma atitude diante da história que incluía a noção de retorno e seu reverso, a noção de permanência. Nestes termos, por exemplo, pode-se entender que sua evocação da Ouro Preto setecentista seria uma metáfora de seus ideais políticos pois a cidade seria, simultaneamente "relíquia e esperança". Nesta hipótese, a ele como a outros românticos poderia se dizer que buscavam, nostalgicamente, o futuro nas lembranças do passado.²¹

Esta noção de temporalidade - fundada sobre a ideia de permanência- do que resulta a conexão de seu tempo presente ao passado e ao futuro, está intimamente conectada ao seu estilo e à estratégia que adotou em sua vida pública: o privilégio da palavra e a relevância concedida à retórica. Observe-se que suas intervenções na tribuna parlamentar, com frequência, eram feitas de improviso. No entanto, ele não dispensava a transcrição do discurso e sua revisão para sua posterior publicação em coletâneas ou em periódicos. A esta preocupação soma-se a cuidadosa escrita de seus volumosos livros de memórias sugerindo seu propósito em fazer da palavra a arte da mediação e da persuasão. Dito de outra maneira era como se Arinos, seguindo a seu modo a lição de Petrarca, fizesse da eloquência a marca da dimensão pública de sua existência e, simultaneamente, a garan-

⁶ É interessante observar que Hannah Arendt analisando o caráter fundador da independência norte americana, refere-se ao "espírito revolucionário" como o tesouro perdido na modernidade, cf. *Sobre a Revolução*, Lisboa, Moraes Editora, 1971

⁷ Melo Franco- *O som do outro Sino. Um Breviário Liberal* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978,p.232

⁸ *Ibidem*,p.229

⁹ *Ibidem*,p.218

²⁰ Melo Franco- "O Manifesto dos Mineiros". *Digesto Econômico*.N.216, nov/dez. 1970,p.89

²¹ Cari Shorske - " A busca do Graal". *Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, pps. 88-108

tia de continuidade, da preservação no tempo, de seus ideais e suas ações. A almejada busca de perenidade que orientou muitos de seus escritos parecia ecoar o pensamento do humanista que em uma de suas cartas já indicava a eficácia da palavra, posto que ela seria a garantia que os esforços não seriam em vão para os que "através de muitas gerações nascerão até o fim do mundo".²²

Nesta sentido vale recordar que seu primeiro livro de memórias, "Alma do tempo", inicia-se com a referência à notícia do nascimento do neto seguido do comentário de que "esta prova viva da continuidade do sangue, da duração de um nome faz-nos, sem dúvida, pensar no futuro. Não em termos pessoais, pois o futuro que visualizamos é o deles, em vez do nosso".²³

A dignidade emprestada à oratória e, por extensão, a crença no poder da palavra conformam o perfil do político Afonso Arinos que, sem sombra de dúvidas, desenvolveu um estilo pouco usual em nossa elite, ao tingir o pensamento liberal com as cores da tradição humanista.

²² Newton Bignotto - *Origens do republicanismo Moderno*. Belo Horizonte, UFMG, 2001, p. 62.

²³ Melo Franco - *Alma do Tempo*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora,